

do sistema de biblioteca. Nos capítulos seguintes são apresentadas as decisões que envolvem a passagem de conceitos e idéias para um sistema operacional, onde serão reunidos não apenas livros, mas todos os meios de comunicação, e onde o leitor deverá “sentir- -se como um gerador, usuário e comunicador do conhecimento”.

“O usuário é quem vai definir o sistema, não o objeto físico.” Esta é uma das mudanças mais radicais por que a biblioteca tradicional tem que passar e Taylor salienta este aspecto em todo o livro. Todos os sistemas tradicionais, catálogos, índices, esquemas de classificação, altamente formalizados, são usados com a finalidade de ajudar o leitor. Em que medida eles conseguem alcançar este objetivo? A avaliação do uso efetivo da biblioteca é ainda um ponto obscuro, embora essencial. Esta é uma das metas que a biblioteca do Hampshire College tentará alcançar a longo prazo: orientar o sistema para as necessidades do usuário.

Esta nova definição das funções da biblioteca, “a passagem do mundo dos livros para o mundo da comunicação”, traz muitas implicações para a formação profissional do bibliotecário. A atenção exagerada para os processos e métodos limitou a expansão da profissão. “O mal da Biblioteconomia é a grande ênfase que é dada ao **como** em detrimento do **porque**.” Para enfrentar as pressões que não tardarão a surgir, “o bibliotecário deverá munir-se de conhecimentos de automação, das técnicas da impressão, da imagem, do som e dos sistemas formais e informais de comunicação”.

É de grande interesse, sobretudo para bibliotecários cuja atividade esteja ligada à Educação, não só a leitura como também a discussão desta obra. Taylor não apresenta soluções, nem planos definitivos; apenas discute e mostra as variáveis e as opções para os problemas propostos, chamando a atenção para as várias situações que a biblioteca universitária terá que enfrentar, e a meta que deverá ser alcançada se ela quiser efetivamente ser um instrumento operante para a Educação.

VERA AMALIA AMARANTE MACEDO
Departamento de Biblioteconomia — Universidade de Brasília

BLOOMQUIST, Harold, REES, Alan M., STEARNS, Norman S. & YAST, Helen, ed. **Library practice in hospitals; a basic guide**. Cleveland, The Press of Case Western Reserve University, 1972. 344 p. US\$ 22.50 (ISBN 0-8295-0227-0)

Dentre as bibliotecas biomédicas ocupam um importante lugar as bibliotecas de hospitais, destinadas a proporcionar informações a

todos os profissionais da saúde envolvidos no atendimento de pacientes em hospitais. Um excelente exemplo desse tipo de biblioteca, no Brasil, é a do Hospital dos Servidores do Estado, no Rio de Janeiro.

Nos Estados Unidos, segundo dados de 1970, 72% (4 191 num total de 5 820) dos hospitais de comunidade, mantinham bibliotecas para seus quadros técnico-científicos. No entanto, apenas 25% (1 054) dessas bibliotecas contavam com um ou mais de um funcionário de tempo integral, sendo que em somente 928 bibliotecas os seus serviços eram supervisionados por um bibliotecário profissional. Nos EUA, hospitais de comunidade são aqueles hospitais não federais, que proporcionam determinados tipos de serviços médicos, localizados longe de um grande centro médico.

Diante da carência de pessoal habilitado à frente dessas bibliotecas, e considerando que a provisão anual de novos bibliotecários formados pelas universidades norte-americanas (de 5 000 que se formam por ano apenas 127 vão trabalhar em bibliotecas biomédicas) não atende às necessidades dessas bibliotecas, num prazo razoável, a Escola de Biblioteconomia da Case Western Reserve University e a Biblioteca de Medicina Francis A. Countway, de Boston, com o apoio de outras instituições, como a National Library of Medicine, empenharam-se na elaboração de um texto que servisse de orientação para aquelas pessoas que, sem formação biblioteconômica universitária, são responsáveis por serviços técnicos em bibliotecas de hospitais. O resultado foi a presente obra, à qual seus responsáveis deram a orientação de um verdadeiro livro de receitas, como eles denominam, com bastante sinceridade, **de cookbook approach**.

Sem procurar duplicar o conteúdo do esplêndido **Handbook of Medical Library Practice**, que não se aplicaria às situações a que a obra que comentamos se destina, os organizadores de **Library Practice in Hospitals** trataram de oferecer um roteiro claro, simples, funcional e objetivo das tarefas características da organização e administração de uma biblioteca de hospital.

A redação dos 17 capítulos que compõem o livro foi entregue a 23 especialistas, que incluem não só bibliotecários mas também professores de Biblioteconomia e um analista de sistemas. Além desses colaboradores, 32 outros especialistas, em sua maioria bibliotecários de bibliotecas de hospitais, foram convidados a ler criticamente cada um dos capítulos.

David A. Kronick, no primeiro capítulo, mostra que o livro abrange fundamentalmente as seguintes áreas: 1) o tipo e a natureza das

informações com que lida o bibliotecário na biblioteca de hospital; 2) o alcance dos assuntos, a linguagem e o tipo de pessoas que se relacionam com as bibliotecas de hospitais; 3) como os hospitais são organizados; 4) como proporcionar os serviços e registros necessários à manutenção e utilização da biblioteca; 5) como utilizar os recursos fora da própria biblioteca; e, finalmente, 6) os principais serviços em que os computadores são utilizados.

Library Practice in Hospitals é bem um exemplo de livro feito para uma realidade concreta, em função, especificamente, de uma determinada categoria de profissionais nos Estados Unidos. No entanto, sua leitura se revelará útil para os bibliotecários brasileiros, principalmente aqueles que, recém-formados pelas universidades, assumem o compromisso de organizar bibliotecas médicas, não só em hospitais, mas também em escolas médicas. Seu valor, para nossa realidade, poderia ser aumentado, caso algum editor se interessasse por sua tradução para o português e as necessárias adaptações.

A impressão é excelente, em papel de ótima qualidade, com tipos graúdos, e razoavelmente ilustrado. Cada capítulo é acompanhado de uma breve bibliografia e o índice de assuntos é muito bom. O preço, no entanto, é elevado, principalmente se considerarmos que foi uma obra que contou com subsídios de várias instituições.

ANTÔNIO AGENOR BRIQUET DE LEMOS
Departamento de Biblioteconomia — Universidade de Brasília

LISBOA, Luís Carlos. **Tudo o que você precisa ler sem ser um rato de biblioteca (roteiro completo dos livros básicos para a sua vida)**. São Paulo, Mu Comunicação/Edições Ilha Deserta, 1973. 147 p. Cr\$ 18,00.

Esta obra pertence a um gênero bibliográfico sobre o qual escrevi o artigo que se publica neste número da RBB¹ (p.): “Ler ou não ler todos os livros”. Já estando redigido esse artigo antes de ela ser editada, deixou de figurar, como deve, entre as melhores do gênero em qualquer língua, tendo sobre as estrangeiras a vantagem de incluir brasileiros e portugueses, geralmente omitidos entre os autores dos “best books” e, conseqüentemente, ausentes das “bibliotecas ideais”.

O autor foi distinguido, em 1973, como crítico literário do ano, pela Câmara Brasileira do Livro, distinção muito justa porque suas resenhas de livros novos em revistas e suplementos de jornais bra-